

GT02: Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia Pinheiro, Alexsânder Nakaóka

Formas de expressão e materiais sensíveis, gráficos e audiovisuais têm constituído parte significativa dos processos de pesquisa antropológica, presentes não somente pelo que "mostram" de modo objetivo, mas também pelas texturas, autorias, sensações e pela receptividade ao caráter experimental do pensamento. Entre recursos diversos, como desenhos, montagens, fotografias e filmes/vídeos, propomos acolher discussões sobre sensibilidades e sensorialidades no fazer etnográfico-antropológico, assim como contribuições analíticas sobre a construção do conhecimento científico a partir da produção de materiais sensíveis diversos, de modo colaborativo entre interlocutoras/es e o meio acadêmico. Sendo assim, a proposta deste GT é reunir pesquisadoras/es que promovam em seus trabalhos a relação entre poética e Antropologia, de modo a estimular discussões sobre as múltiplas potencialidades narrativas acionadas nos atos de observar, registrar, descrever, criar, imaginar e compartilhar, permeadas por sentidos e sensibilidades. Se dão em meio a campos de forças, relações de poder e conflitos, que dizem respeito tanto à própria constituição da Antropologia Audiovisual e da Imagem, quanto aos inumeráveis temas e campos de pesquisa nos quais podemos atuar. O GT dá continuidade a eventos anteriores - como o 18º Congresso da IUAES, a 31ª e 32ª RBAs e a XIII RAM, que por sua vez contribuíram para a formação do GT homônimo na Associação Latino-Americana de Antropologia Social (ALA).

"El candombe no se escribe en un papel": dilemas da escrita etnográfica e da gravação sonora na prática musical do candombe afro-uruguaio

Autoria: Lisandro Lucas de Lima Moura

O trabalho propõe uma discussão a respeito da escrita etnográfica e da gravação sonora no contexto das "llamadas" de candombe, evento musical coletivo próprio das comunidades negras do Uruguai. As "llamadas" são realizadas no ambiente da rua, por meio de desfiles e cortejos, e a execução musical é protagonizada pelos tambores afro-uruguaio, denominados "chico", "piano" e "repique". A manifestação musical e cultural do candombe requer, de nossa parte, uma atenção especial às interações que ocorrem entre os sons dos tambores, o ambiente acústico das ruas e avenidas e as sensações do público participante. Estamos falando de fenômenos sonoros e vibracionais que ocorrem por meio de junções públicas e de experiências participativas pulsantes e dançantes que tomam a forma de uma "ondulação energética" (Ferreira, 1999). Tudo isso é descrito por tamborileiros e candomberos como um fenômeno que flui e que "no se escribe en un papel", porque "es un sentimiento". A execução polirrítmica dos tambores resulta, pois, em estados emocionais coletivos ("la magia del candombe") difíceis de transcrever racionalmente por meio da linguagem acadêmica. Essa ideia indica, pois, os limites da escrita etnográfica e das formas de comunicar ao público leitor as sensações vividas em trabalho de campo. Desse modo, como desdobramento de pesquisa de doutorado, e em diálogo com as proposições recentes de Ferreira (2021) sobre o assunto, o presente trabalho discute se a gravação sonora e a escuta posterior desses registros podem ser um caminho metodológico no sentido de permitir o acesso às práticas e conhecimentos próprios do universo musical candombero.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

